

“Bar Brasil”: Um jornal da juventude universitária de Juiz de Fora ¹

Susana Azevedo REIS²
Christina Ferraz MUSSE³

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O artigo tem como objetivo rememorar o jornal alternativo "Bar Brazil", que circulou em Juiz de Fora em 1976 e 1977, através de entrevistas realizadas com personagens que produziram o jornal e da análise de conteúdo do impresso. O jornal foi uma realização de um grupo de alunos ligados ao movimento estudantil da Universidade Federal de Juiz de Fora com o objetivo de ampliar a consciência crítica da comunidade acadêmica e de outros jovens, através de ensaios e críticas culturais, além de textos de ficção. Ressaltamos teoricamente o conceito de juventude, utilizando autores como Helena Wendel Abramo (1994), e de imprensa alternativa estudantil, citando Mirza Pellicciotta (1997) e Angelica Muller (2010). Queremos destacar que o “Bar Brazil” foi um produzido por jovens, que buscavam debater questões diversas, no cenário de lenta abertura política na década de 1970.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Memória; Juventude; Movimento Estudantil; Contracultura

INTRODUÇÃO

O ano de 1968 modificou profundamente a história cultural e política de todo o mundo. Foi o momento em que jovens, de diversas nacionalidades e por diversas questões, saíram às ruas, fizeram protestos, discutiram política, pediram por paz, se rebelaram em busca de melhorias na sociedade. Foram vários os motivos desses protestos, diversas ideologias, mas o que unia essa geração, principalmente, era a manifestação contra a Guerra no Vietnã. “Onde havia comunismo, rebelaram-se contra o comunismo; onde havia capitalismo, voltaram-se contra isso. Os rebeldes rejeitaram a maioria das instituições, dos líderes políticos, dos partidos políticos.” (KURLANSKY, 2005, p.13). Nos Estados Unidos,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Jornalista e mestranda no programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura. Email: susana.reis360@gmail.com

³ Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora da UFJF no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenadora do projeto “Memórias da Imprensa de Juiz de Fora” e do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura. E-mail: musse@terra.com.br

Tchecoslováquia, Praga, França, México e até mesmo no Brasil estudantes, universitários, jovens empregados protestaram em busca de mudanças e pela paz.

Esses movimentos influenciaram gerações futuras, que surgiram nos anos de 1970 e 1980. Foram fontes de inspiração para que novos jovens buscassem, na contracultura e em ideologias e pensamentos políticos e sociais, uma maneira de se expressarem em meio à indústria cultural e a governos totalitários. O ano de 1968 se tornou importante pois foi o começo de toda uma revolução da juventude.

Na década de 1970, no Brasil, essas agitações de juventude se caracterizaram principalmente através dos movimentos estudantis. Universitários e estudantes secundaristas encontraram na música, na literatura e na imprensa uma maneira de se expressarem, mesmo com censura e repressão policial.

O jornal “Bar Brazil”, produzido em Juiz de Fora, em Minas Gerais, aparece nesse contexto. Universitários criaram o impresso a fim de discutir novas formas de pensar, através de textos e imagens, já que não conseguiam voz na imprensa tradicional. Porém esse impresso foi apenas um dos meios culturais produzidos por esses jovens. Festivais de músicas, folhetos de poemas, saraus e exposições de arte foram fruto dessa geração universitária na cidade.

Através de entrevistas com esses personagens que, em 1976, tinham seus 20 anos e da análise do “Bar Brazil”, pudemos rememorar a história desse movimento da juventude e, principalmente, do jornal. Acreditamos que é de suma importância resgatar a memória desses movimentos, que são uma parte de nossa história.

JUVENTUDE EM VOGA

O termo juventude é caracterizado como um período em que o indivíduo completa seu desenvolvimento físico e, principalmente, o momento da vida em que o ser humano abandona a infância para se encaminhar à fase adulta, ocasionando várias mudanças e dúvidas psicológicas e sociais. A juventude é um período de transição e transformações, onde o jovem busca por respostas e um lugar de pertencimento em um mundo estabelecido por critérios universalistas. Ou seja, é necessário que o indivíduo se integre em vários grupos sociais, e não só apenas em sua família, para que possa construir identidades e pensamentos, como comenta a socióloga Helena Wendel Abramo:

Nessas sociedades, a passagem do universo infantil (da família de orientação) para o universo adulto (a família de procriação) exige um

grupo de socialização, no qual o indivíduo em transição possa construir identificações e estabelecer novos vínculos de solidariedade, baseados em critérios universalistas. (ABRAMO, 1994, pág. 2)

A juventude é o estágio em que o indivíduo se estabelece na vida social, fica ciente de seus direitos e deveres, de suas responsabilidades e de sua independência. O jovem é aquele que ainda não saiu completamente da infância e nem se inseriu na fase adulta, e não há uma demarcação explicitamente definida dessa passagem, o que leva Abramo a considerar uma fase ambígua. Porém, é nessa etapa que o jovem começa a construir sua identidade, encontra os grupos com mais afinidades e se encontra isolado e fora do sistema dos adultos. Ao mesmo tempo em que pode fazer experimentações e errar sem grandes consequências, ele se sente marginalizado por ainda não se identificar com o *status quo* e os valores e hábitos da sociedade convencional, ou porque seus talentos e potencialidades não são aproveitados, “os jovens permanecem alijados dos processos de poder, de decisões e mesmo de criação social” (ABRAMO, 1994, p.12).

A condição juvenil pode ser associada a “crise potencial”. Um período de turbulência, conturbado, uma fase de agitação e tensão, de transformações, da busca da personalidade própria. O jovem necessita efetuar uma série de escolhas que provocam crises de “auto-estima, conflitos com familiares e outras autoridades e, por fim, com choques com a própria ordem social na qual devem efetuar a sua entrada” (ABRAMO, 1994, p.13). Dessa forma, a crise juvenil se estabelece com a dificuldade de entrar no mundo adulto, de se adequar às novas normas e instituições, que o levam a questioná-las, assumindo assim, o caráter de fenômeno social. (ABRAMO, 1994). Citando os sociólogos Georges Lapassade e David Matza, a autora chega à conclusão de que esses jovens se sentiam incomodados com os métodos burgueses e cada um se manifestava à sua maneira:

Lapassade, no entanto, vê todas essas manifestações (inclusive as de delinquência juvenil) como provenientes do mesmo sentimento de incomodo com o modo de vida estruturado, e Matza também as interpreta como modalidades distintas de uma "revolta juvenil" que constituem ameaça à estabilidade e à ordem burguesas, classificando-as em três tipos: delinquência, radicalismo e boemia, cada um deles constituindo eixos de "tradições ocultas" que perpassam toda a história da juventude na sociedade moderna. (ABRAMO, 1994, p.21)

Historicamente, as décadas de 1960 a 1970 se caracterizam pelos grandes movimentos de jovens, estudantis e culturais, em todo o mundo que, insatisfeitos com a visão consumista e a falta de liberdade, buscavam caminhos diferentes daquelas estabelecidas pelos poderes vigentes. Antônio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte esclarecem que essa juventude começou a surgir a partir do final da Segunda Guerra

Mundial, mas ganhou força nos anos 1960. Com a sociedade cada vez mais concentrada em bens materiais e poder, esses jovens buscavam o rompimento desses valores tradicionais. A cultura dos anos 1960 se caracteriza assim pela

...criação de estilo de vida alternativo e coletivo, contra o consumismo, a industrialização, o preconceito racial, as guerras, etc. Com isso, essa juventude crítica e polarizada nega a cultura vigente, até então sustentada e manipulada em sua maior parte pela indústria cultural. (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p.12)

Esses movimentos da juventude eram formados por grupos de minorias: os *beats*⁴, *hippies*⁵, gays, feministas, negros, intelectuais e estudantes, que caracterizam o que hoje denominamos de Contracultura. Tendo como base a sociedade norte-americana, “a intenção fundamental dos movimentos da contracultura foi contestar a visão de mundo racional e bitolante que prevalecia na sociedade ocidental contemporânea” (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p.50). Esses grupos específicos podem ser considerados subculturas:

[...] as diferentes subculturas criadas pelos jovens representam uma tentativa de restaurar alguns dos elementos de coesão social obstruídos na cultura paterna, e combiná-los com elementos selecionados de outras frações de classe, simbolizando uma ou outra das opções em confronto. Na busca de elaborar uma resposta diferenciada daquelas disponíveis, estes jovens se apropriam de forma peculiar de objetos providas pelo mercado, pela indústria cultural, imprimindo neles novos significados, pela inversão de uso ou pela reunião de diferentes objetos num conjunto inusitado, criando assim um estilo subcultural. Dessa forma, as jovens buscam construir uma identidade positiva, dando significado à sua situação específica, em contraposição a outros grupos sociais. (ABRAMO, 1994, p.36)

Os movimentos muitas vezes não tinham contestação política ou cunho social, mas buscavam apenas permitir aos seus participantes novas experiências, e disseminar a liberdade, seja ela sexual ou material. O Maio de 1968⁶ na França se caracterizou como o centro do movimento da contracultura, com a disseminação dos movimentos estudantis, até uma greve geral que paralisou todo o país. (BRANDÃO; DUARTE, 1990)

⁴ Os Beats foram jovens escritores e artistas norte-americanos, que na década de 1950 e 1960 que estavam insatisfeito com o modelo de ordem que se estabelecia no país, e encontraram na escrita o meio pelo qual puderam se expressar livremente. Eram em sua maioria movidos por drogas, álcool, sexo livre e jazz – o gênero musical mais escutado por eles. Eram nômades e viajavam por todo os Estados Unidos, tendo a liberdade como o principal guia.

⁵ Os hippies desprezavam qualquer valor tradicional da classe média e capitalista, como o patriarcalismo, o militarismo, autoritarismo, as corporações industriais, o nacionalismo, etc. Tinha como lema “Paz e Amor” e lutavam contra a Guerra do Vietnã e a violência. Eram nômades e adotavam um modo de vida comunitário e de contato com a natureza.

⁶ O movimento de maio de 1968 tornou-se o símbolo de uma época onde a busca por novos valores veio associadas ao jovens. A liberação sexual, a Guerra no Vietnã, os movimentos pela ampliação dos direitos civis eram as principais questões discutidas pelos dos jovens. Estudantes e trabalhadores saíram às ruas da França em protesto contra o governo e a sociedade industrial, com lemas que pregavam "Sejam realistas, exijam o impossível", "Parem o mundo, eu quero descer" e "É proibido proibir".

Para o pesquisador Claudio Novaes Pinto Coelho, de 1969 a 1974, apenas a luta armada e a contracultura procuravam combater a sociedade vigente. Enquanto a primeira priorizava o combate ao “aparato repressivo do Estado” (COELHO, 2005, p.41), a contracultura buscava desacreditar a racionalização da vida social:

O questionamento contracultural da racionalidade incidia nas mais diferentes dimensões da vida cotidiana. O caráter pluridimensional dessa prática social aparecia nas suas principais características: a ênfase na subjetividade em oposição ao caráter objetivo/racional do mundo exterior, a aproximação com a “loucura” e a marginalidade, a construção de comunidades alternativas (COELHO, 2005, p.41).

No Brasil, algumas publicações contribuíram para a disseminação dessa contracultura, como o “Manifesto Hippie”⁷, publicado por Luiz Carlos Maciel, em “O Pasquim”, em oito de janeiro de 1970, e algumas publicações *underground* e marginais, como “Flor do Mal”⁸, “Presença”⁹, “Rolling Stones”¹⁰. Além disso, cita feiras de *arte hippies* e eventos como o Festival de Arembepe, realizado na Bahia, em 1971. (COELHO, 2005)

Deste modo, a década de 1960 chegava ao fim no Brasil e a cultura jovem enfrentava duas questões: primeiramente, a tentativa de manter uma produção cultural engajada, que estava cada vez mais difícil por causa do fechamento dos canais de expressão política, ocasionado pela censura da ditadura militar. Por outro, observamos a participação da indústria cultural de massa, “identificada como ‘traição’ da indústria cultural nacional, pois era tida como uma forma de cooptação utilizada pelo regime militar e o capital estrangeiro” (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p.74). Muitos dos intelectuais e jovens brasileiros acreditavam que deveriam valorizar apenas produções artísticas nacionais. Músicas e livros internacionais, disponibilizados pela indústria norte-americana, não eram bem vistos.

Na América Latina, os estudantes tiveram papel crucial na formação dessas subculturas, pois a Universidade era a principal referência cultural e política desses países e era nela que ocorria a “construção do jogo democrático” (ABRAMO, 2014, p.24). O

⁷ “Você está na sua – Um Manifesto Hippie” foi publicada em “O Pasquim”, no número 29, na página 12. Não foi possível encontrar o texto na íntegra, mas Luiz Carlos Maciel destaca como o manifesto contrapõe aspectos da “velha razão”, da tradição, com a “nova sensibilidade” da contracultura.

⁸ O jornal “A Flor do mal” foi criado em 1971, por Luiz Carlos Maciel, Rogério Duarte, Tite Lemos e Torquato Mendonça. Abordava temas como arte, cultura, comportamento, sexualidade, orientalismo, teatro, drogas, astrologia, etc.

⁹ “Presença” foi uma publicação *underground* que circulou na década de 1970. Tinha como editores Rubinho Gomes, Antônio Henrique Nietzsche e Joel Macedo.

¹⁰ A versão brasileira de “Rolling Stones” foi lançada em 1972, por Luiz Carlos Maciel. Era uma publicação mensal que destacava temas como música nacional e internacional, literatura, cinema, filosofia, sexualidade, drogas, etc. Circulou apenas um ano.

movimento estudantil sempre teve um caráter político, podendo falar em nome de outros setores e movimentos. Enquanto o movimento *hippie*, por exemplo, levava o sentido de alienação, o movimento estudantil se caracterizava nos anos de 1960 e 1970 como ativista, “pela busca de uma elucidação do diagnóstico da crise gerada pelo sistema e pela escolha de enfrentar os riscos de desmistificá-lo ou destruí-lo” (ABRAMO, 1994, p.26). Os jovens estudantes acreditavam que podiam derrubar o sistema burguês instaurado, criando um mundo mais justo. Os estudantes se estabelecem como jovens que desconhecem sua força e que recriam, na imaginação e na utopia, mundos imaginários, buscando muitas vezes através da arte e da contestação esse mundo ideal.

A IMPRENSA ALTERNATIVA ESTUDANTIL

Dentre as inúmeras publicações alternativas e contraculturais que surgiram entre as décadas de 1970 e 1980, podemos encontrar aquelas que foram produzidas por estudantes e universitários, através de grêmios estudantis, diretórios centrais e acadêmicos, centros de estudo, centros de cultura, etc. Através do “Catálogo da Imprensa Alternativa”, divulgada pelo Arquivo da cidade do Rio de Janeiro, conseguimos mapear cerca de 65 jornais alternativos que estabeleceram algum vínculo com o movimento estudantil no Brasil.

Esses jornais e revistas, em sua maioria, tratavam de temas políticos e culturais como forma de resistência, buscando organizar ideias que ainda não poderiam ser expressas abertamente. Para Mirza Pellicciotta, “a organização de jornais, boletins e murais pelos diretórios acadêmicos e grupos estudantis também possibilita que a arte e a política estabeleçam novos pontos de contato” (PELLICCIOTTA, 1997, p.182). Essas trocas de informações entre os estudantes promoveram um grande número de publicações, que foram confeccionadas conforme os diretórios e grupos adquiriram recursos financeiros e acesso aos mimeógrafos e gráficas. Além disso, aqueles que não tinham o próprio modo de impressão recorriam a gráficas de outras cidades e estados.

As publicações costumavam ser produzidas pelas secretarias internas dos diretórios, em alguns casos, por comissões de cultura e de imprensa. As temáticas discutidas, nomes, propostas dos jornais estudantis eram vastas e diferenciadas. Quanto à periodicidade dos jornais estudantis, eles seguiam a linha dos jornais alternativos espalhados pelo Brasil, que, muitas vezes, não conseguiam produzir mais do que poucos números:

A periodicidade, o nome, a proposta dos inúmeros jornais, revistas e impressos desta época é variável conforme o grupo político, as perspectivas de movimento e o teor político dos conflitos acadêmicos que se experimenta em cada contexto e lugar, sendo, no entanto poucos jornais que conseguem manter uma maior permanência. [...] A periodicidade depende da conquista de um suporte acadêmico – independentemente do nível de confrontação que se estabelece com a administração da Universidade -, ou ainda, das perspectivas de continuidade entre as linhas políticas internas (PELLICCIOTTA, 1997, p.182).

Esses jornais possuíam variações gráficas e editoriais, que eram frutos das questões dos projetos propriamente ditos e os custos e a qualidade de editoração dos impressos. A pesquisadora Angelica Muller acredita que as publicações estudantis da década de 1970 foram impressos laboratoriais para novas formas de linguagem e formatos gráficos. Os estudantes possuíam a liberdade de experimentar novas técnicas e utilizar a criatividade. Ela destaca também as capas dos jornais, que “costumavam trazer desenhos, caricaturas que evidenciavam o conteúdo crítico ao regime” (MULLER, 2010, p.11). Esses jornais e revistas eram uma forma dos estudantes tentarem se organizar politicamente

...jornais, murais, cartazes e panfletos refletiam a própria estrutura que estava ao alcance das entidades e grupos políticos, como também as dificuldades de organização e de articulação junto com a “massa” dos estudantes. A periodicidade incerta (que algumas vezes chegava a um único número), a falta de recursos, o teor político que variou conforme o grupo atesta a questão. (MULLER, 2010, p.10)

A maioria dos impressos estudantis dedicava-se a publicar programações culturais, informes universitários e oferecia um ambiente de debate para a comunidade acadêmica, dando espaço às críticas sociais, políticas e culturais. “O teor dos textos, dos desenhos e das composições refletem em geral estas dificuldades e também as frustrações que se tornam presentes na experiência de realizar os jornais” (PELLICCIOTTA, 1997, p.183). Esses jornais e revistas aparecem como uma forma de resistência e engajamento político, contra as opressões do governo:

A circulação das informações e ideias de um grupo contidas nos jornais pode ser encarada como maneira de sobrevivência dentro de um regime autoritário, e também se apresenta como mais uma alternativa para mostrar uma resistência. Através dos próprios jornais podemos verificar as dificuldades de engajamento de estudantes bem como o incentivo a atividade jornalística e as atividades em geral propostas pelos centros acadêmicos e/ou grupos. (MULLER, 2010, p.13)

A imprensa alternativa estudantil permitiu que se unissem vários grupos que possuíam o mesmo objetivo, o de denunciar e acabar com a ditadura militar, pois a “construção de um jornal visa, no momento aqui estudado, criar um polo para unir os

colegas (mesmo que seja em torno ‘dos seus problemas comuns’ como disse um jornal universitário), se propondo a levar aos estudantes subsídios” (MULLER, 2010, p.17).

Era vital para a sobrevivência desses impressos, que houvesse a circulação de informação entre os estudantes. Além dos jornais, eram produzidos atividades e projetos coletivos, como festivais de música, sarais e, também, jornais murais.

Outro aspecto importante da produção desses jornais é a coletividade formada pelos universitários, que permite um movimento democrático e grupal dentro das comissões dos estudantes.

“BAR BRAZIL”: A PUBLICAÇÃO CULTURAL E ESTUDANTIL

O município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é marcado pela efervescência cultural. Na década de 1960, o movimento cultural da cidade se estabelecia principalmente por causa da Universidade Federal de Juiz de Fora, citada por Christina Musse como o “polo atrator e difusor de cultura” (MUSSE, 2008, p.143).

Mas o golpe militar de 1964 acabou por desarticular o movimento estudantil existente naquela época e promoveu a separação de uma geração de estudantes interessados na cultura e atuantes na esfera política. O movimento perdeu forças, mas ainda resistiu até 1968, quando o AI-5 foi decretado e os estudantes não tiveram mais como continuar suas manifestações. O movimento estudantil só voltou a aparecer no cenário juiz-forano e nacional a partir da segunda metade da década de 1970, por ocasião do forte impulso dos movimentos sociais que refletiu no processo político institucional. O presidente Ernesto Geisel chegou à presidência, em 1974, e anunciou a abertura política lenta, gradual e segura. A oposição política começou a ganhar espaço e ocorreu forte impulso dos movimentos sociais e de oposição.

Em 1974, os diretórios acadêmicos e o diretório central dos estudantes (DCE) da UFJF foram reabertos e as eleições se iniciaram. Flávio Cheker, na época estudante do curso de Letras e membro do movimento estudantil, comenta suas lembranças da reconstrução pelos estudantes:

De um lado você tinha um engajamento político muito forte, o movimento estudantil no seu auge mesmo, com a reconstrução das entidades estudantil, sobretudo as Unes, e as Uees, as uniões estaduais, e já se, esse movimento estudantil já levantava as bandeiras da redemocratização, contra a ditadura, de uma constituinte livre e soberana, pela anistia, pelas liberdades democráticas. Enfim, isso polarizava muito o movimento estudantil, a gente já fazia na Eco com as greves que começavam a surgir no movimento operário, sobretudo as greves do ABC paulista, greves na

Universidade por questões setoriais, questões da comida do RU.
(CHEKER, 2014)

Mas, na Universidade Federal de Juiz de Fora, o movimento cultural se destacou nesse processo. O estudante José Antônio da Silva Marques foi presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) em 1974, sendo sucedido, em 1975, por Ivan Barbosa, estudante de História, da chapa de tendências de esquerda “Realidade”. Diversas iniciativas culturais foram iniciadas, como a publicação da revista “Nossas Palavras”. Segundo Lacerda, a revista tinha como objetivo colocar em debate e discutir os problemas culturais da universidade. Com a revista, iniciou-se o movimento cultural da UFJF, que contou com apresentações musicais, teatrais, o incentivo à cultura, e a publicação de impressos.

Nesta mesma gestão de Ivan Barbosa foi criado um Centro de Cultura, dentro do DCE. O centro durou até 1976 e teve como diretores Gilvan Procópio e, depois, Tatau Delgado. Ele funcionava na galeria Pio X, 2º andar¹¹, e era composto por um auditório, onde havia cerca de 120 cadeiras móveis, teatro de arena, palco, tela cinematográfica, e outros equipamentos. “O centro era coordenado por um departamento de cultura subdividido em teatro, música, cinema, literatura e artes plásticas” (LACERDA, 2010, p. 217). Nesta mesma gestão, em 1974, o DCE também conseguiu uma gráfica.

[...]a gráfica auxiliou, não apenas o movimento estudantil, mas também outros movimentos, como meio de “produzir democracia”. Percebe-se que o volume de materiais produzidos pelo DCE entre folhetos, panfletos, jornais e etc., só foram possíveis devido à aquisição dessa gráfica, que reduziu custos de impressão de material, colaborando na divulgação de ideias e propostas. (LACERDA, 2010, p.160)

Dessa forma, os universitários encontraram nos impressos e em movimentos de música e arte o caminho para contestar. Os estudantes criaram um movimento literário denominado hoje de “Movimento Poesia”, que, em cerca de 10 anos, de 1974 a 1984, publicou os folhetos “Poesia¹²” e “Abre Alas”, o jornal “Bar Brazil” e a revista “D’Lira”. Além disso, diversos eventos de música, como o “Som Aberto”¹³ e de arte, como saraus e mostras de arte aconteciam na Universidade.

¹¹ Localizado na Rua Halfeld, centro da cidade. Local onde ocorrem os principais eventos culturais.

¹² O folheto “Poesia” publicava poesias e ilustrações produzidas pelos alunos, do colégio secundarista Magister, e, mais tarde migrou para a Universidade

¹³ O “Som Aberto” acontecia todo sábado de manhã na UFJF, conseguiu reunir os principais estudantes e professores da universidade, que desejavam uma maior participação na cultura. O projeto cultural não era composto apenas de apresentações musicais, mas também de concursos de poesia, literatura de cordel, cursos de teatro, exposições de fotografia e pintura.

Destacamos nesse trabalho o “Bar Brazil”, uma publicação estudantil, feita por jovens para jovens. O jornal não estava diretamente vinculado com a Universidade, mas a maioria de seus membros eram estudantes, ex-estudantes e professores da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O “Bar Brazil” foi criado para ser um jornal crítico, cultural, literário e político. Era uma publicação alternativa, que desejava quebrar com os costumes da época, buscar nas noções da contracultura uma nova visão de mundo. E percebemos que a união de um professor na década de 1960, com alunos iniciando sua vida política, aconteceu na produção do “Bar Brazil”. Gilvan Procópio, professor universitário, e os alunos se uniram para elaborar o jornal.

Com uma publicação bimestral, o “Bar Brazil” teve três números: junho/julho de 1976, agosto/setembro de 1976, e 1977. A diagramação dos três jornais foi feita por Jorge Sanglard. As páginas são compostas por duas colunas, que possuem texto, ilustrações ou fotografias. Todas as edições tiveram 24 páginas. Foram oito colaboradores fixos, José Henrique da Cruz, Jorge Sanglard, Gilvan Procópio, Márcio Gomes, Maria José Féres, Luiz Guilherme Peixoto, Luiz Carlos Borges e Décio Lopes, o editor de todos os números; e cerca de 18 colaboradores que se alternavam. No expediente, o “Bar Brazil” é definido como “uma publicação experimental de caráter cultural editada pela entidade autônoma Centro de Cultura do DCE da UFJF” (EXPEDIENTE, 1976, p.1).

Gilvan Procópio foi um dos principais colaboradores do “Bar Brazil” e do movimento literário. Segundo ele, era necessário criar uma publicação maior, que abrangesse não só poesia, mas também textos e críticas. Ao escrever o prefácio do livro “Poesia em movimento”, que seleciona os principais poemas que foram publicados pelo movimento estudantil na época, resume como foi a criação do jornal:

As dimensões do folheto parecem não conter mais a produção e, num processo de articulação significativo, o DCE (gestão de Ivan Barbosa) cria um Centro de Cultura que deveria ser coordenado por um professor da universidade. Lá fomos nós. A ideia preliminar era fazer uma publicação que mantivesse o vigor do Poesia e que pudesse voar mais rápido. Nasce assim o Bar Brazil (com Z de Zorro), jornal que estabelece, durante sua duração (três anos) um diálogo intenso com publicações semelhantes no resto do Brasil. Entrevistas, ensaios, análises, contos, poemas, ilustrações, o jornal repercutiu. (PROCÓPIO, 2002, p.15)

Márcio Gomes, um dos estudantes que na época ajudaram a fundar o jornal, comenta que o início do “Bar Brazil” se concretizou com a colaboração dos estudantes Luiz Guilherme, José Henrique da Cruz, popularmente conhecido como Mutum, Márcio Tadeu

Guimarães, Raquel Scarlatelli, José Sanglard, e ele, com a colaboração do professor Gilvan Barbosa. Como o DCE da Universidade possuía uma gráfica *offset*, o primeiro exemplar do “Bar Brazil” foi rodado e publicado em junho de 1976. O jornalista Jorge Sanglard, na época estudante de Jornalismo e colaborador do jornal, comenta como a publicação foi agregando poetas, escritores e artistas e se tornou um importante veículo:

A gente viu que só o movimento de poesia não aglutinava o que a gente tinha, então a gente criou o “Bar Brazil”. Aí já englobou Marcelo Mega, Humberto Nicoline, que era fotógrafo, Jorge Arbach que era artista plástico, César Guedes, artista plástico; foi englobando mais gente. A gente agregou mais poetas, um grupo de escritores não só de jornalismo também. E o “Bar Brazil”, de fotógrafos, virou um jornal de resistência que durou três números. O Décio Lopes participou, o Valter Sebastião, o grupo do Cerque. Eu funcionava também como secretário de redação do jornal, tinha um grupo de editores, eu diagramava o jornal, cuidava da digitação. Naquela época não era digitação, era datilografia: era batido numa máquina elétrica. Então as páginas tinham que sair prontinhas já, tudo diagramado, já batíamos diagramado, porque não tinha outro procedimento: não tinha computador, não existia computador naquela época, pouquíssimos lugares em Juiz de Fora tinham. E aí a gente fez três números de muita penetração, foi o jornal mais importante de Juiz de Fora naqueles anos. (SANGLARD, 2014)

O nome do jornal foi escolhido como referência a um bar na zona boêmia de Juiz de Fora, o “Bar Brazil”:

Tinha o bar, na zona Boemia de Juiz de Fora, que existia na Henrique Vaz, que era “Bar Brazil”. E era um bar que a gente frequentava, muitos aqui da universidade e tal, por que era o único bar aqui de Juiz de Fora, que tinha uma *jukebox*, aquela maquininha que você enfiava a moeda, escolhia a música e tal. E ficava ali, tomando cerveja e ouvindo música, aquele negócio. E aí pegou o “Bar Brazil”, ainda colocando com subtítulo, “Bar Brazil” com Z de Zorro. Uma provocação mesmo, uma forma de você se apresentar como contestador. Não é Brazil com S, é brasil com Z, de um bar de zona. Provocação mesmo. (PROCÓPIO, 2014)

A principal função do jornal era fazer críticas, mas as críticas acabavam estando inseridas dentro dos contos, poesias, matérias e textos de música. “Mas era sempre uma postura, que era o normal da época, de denunciar, de criticar. Era época da ditadura, o jornal era um canal de postura crítica contra o *status quo* que tinha na época” (GOMES, 2014).

Além disso, podemos observar que o “Bar Brazil” possuía algumas características da literatura marginal da época como uma concepção política que expressa à ideia de estar à margem da sociedade, trazendo um conteúdo diferente e mais crítico do que o habitual, além de utilizar a literatura para expressar essas ideias. O processo de produção de jornal, realizada pelos próprios estudantes, também entra no conceito de jornal alternativo. Eram os próprios alunos que, juntos ao DCE, produziam suas obras,

intelectualmente e manualmente, e as distribuíam pelas ruas da cidade. Porém, Gilvan Procópio comenta que o jornal não era inteiramente marginal, pois estava vinculado a uma instituição:

O coordenador do órgão de cultura do DCE tinha que ser um professor universitário. Então eu fui o primeiro coordenador, que eu já era professor aqui. Quer dizer, marginal no sentido de estar à margem do tempo não, por que nós não estávamos. Marginal no sentido de nós sermos à margem da corrente política dominante. Mas só nisso, nesse sentido. Por que no resto não. Como coordenador de um órgão oficial, do diretório central dos estudantes, um professor da universidade, você tá todo amarrado um sistema. Então nesse sentido não éramos marginais (PROCÓPIO, 2014)

O “Bar Brazil” se fundamentava em uma estrutura política e não escapava do grande debate que ocorria sobre o engajamento da arte contra a ideia de que apenas a política pura poderia modificar a sociedade. A preocupação dos colaboradores do jornal era produzir uma publicação com qualidade literária, e o viés político acabava sendo consequência. A circulação do “Bar Brazil” já era por si só uma forma de resistência:

Quer dizer, a turma tinha uma concepção que o trabalho da conjuntura era só trabalho de direito. Mas tinha a turma que entendia que o trabalho artístico, era uma forma tão eficaz de fazer isso, ou até mais contundente. Só que abominávamos também aquele dito “realismo socialista”, que a arte era apropriada para fins extremantes políticos ou partidários, entendíamos que a arte cumpria esse papel de transformação, com toda sua autonomia estética, toda a sua independência e apartidarismo. Mas isso nem sempre trabalho político estrito, porque era fundamental combater. E esse movimento da Poesia, eu acho que se encaixava desse lado, nessa perspectiva. As pessoas produziam a poesia, produziam a suas altas voltagens líricas lá, sem estarem minimamente preocupadas que sua arte fosse panfletário ou fosse diretamente calcada no discurso político. Acho que o “Bar Brazil” surge um pouco nesse entendimento, que é quase uma síntese das duas grandes vertentes aí. Porque o “Bar Brazil”, se você olhar bem, não é uma publicação panfletária, mas ele tem um rosto, ele diz para que ele veio através das produções: Poemas, outros textos, ou seja, eu acho que ele sintetiza a luta política e a autonomia da arte, como eu estou chamando aqui. (CHEKER, 2014)

A política estava presente no dia a dia de todos, e por isso era impossível não haver reflexo disso no jornal:

A gente escrevia sempre dando um jeito de colocar algum cunho política, até mesmo poesia de amor. Quando a gente fala de poema de amor, celebrando uma mulher, vai ter sempre uma cunhazinha política, sempre. Porque a gente vivia isso no dia a dia. Aqui na Universidade quando eu comecei a dar aula em 73, você tinha olheiro da polícia na sala de aula, toda sala de aula tinha, tomando conta, anotando as coisas que você falava na sala de aula. Então isso fazia parte da sua vida. (PROCÓPIO, 2014)

Mesmo criticando o governo militar de forma subliminar, o jornal nunca sofreu censura. Circulou por Juiz de Fora e por todo o território nacional através de uma rede de

imprensa independente, de imprensa marginal, onde jornais alternativos de todo o Brasil eram trocados. “Nós criamos um sistema em que a gente mandava o jornal pra todos os estados do Brasil, pra inúmeras cidades como inúmeros grupos já faziam jornais independentes.” (SANGLARD, 2014). O jornal foi enviado até para a Biblioteca do Congresso de Washington. “Um jornalzinho desprezioso, feito aqui, de forma muito artesanal, que foi para na biblioteca do congresso” (PROCÓPIO, 2014).

A tiragem do jornal era cerca de 1500 exemplares. O “Bar Brazil” era vendido por um preço simbólico, mas a principal intenção era mesmo distribuí-lo para todos. Quem não tivesse dinheiro, acabava ganhando:

Eram distribuídos no ICHL, na Universidade, de modo geral, basicamente centrado lá. Mas também no calçadão, nas ruas, tinha distribuição. Eu me lembro mais do folheto da Poesia, mas isso era enviado na época, não sei, acho que o Sanglard enviava isso para outros diretórios, até para a grande imprensa também, para outros órgãos de imprensa. O jornalzinho circulava, o “Bar Brazil” circulou um bocado. Foi enviado por mala postal para muita gente, para outros correspondentes, outras pessoas que faziam esse movimento da Poesia em outras partes do Brasil e tal. (CHEKER, 2014)

Todo o material que o “Bar Brazil” recebia era submetido ao conselho de redação, que escolhia o que seria ou não publicado. O conselho era criterioso, mas os únicos critérios era a qualidade de texto e o ter político. “Material não faltava, a gente recebia muito mais material do que era capaz de publicar, não dava conta. Eu acho que nunca existiu tanto poeta em Juiz de Fora como naquela época” (PROCÓPIO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa alternativa foi um dos mais significativos meios pela qual poetas, escritores, artistas, jornalistas e intelectuais se expressaram das décadas de 1960 a 1980. A censura estabelecida pela ditadura militar estava cada vez mais atenta aos grandes jornais e o jornalismo alternativo apareceu como uma nova forma de críticas ao governo, pois buscava sempre driblar a censura a fim de expressar suas opiniões de oposição e denunciar as ilegalidades que ocorriam em relação aos direitos humanos.

Buscamos analisar como seu deu a implantação do “Bar Brazil” em Juiz de Fora e quais as representações do jornal no meio cultural e impresso. O “Bar Brazil” foi um importante veículo de referência da década de 1970, pois, mesmo possuindo apenas três edições publicadas, apresentava um conteúdo cultural e artístico diferenciado das outras

publicações da cidade, que ainda não tinham esse teor crítico e o enquadramento da realidade que o veículo ofereceu aos seus leitores.

O “Bar Brazil” se estabelece como um jornal alternativo que se diferencia por seu comportamento marginal, sendo distribuído pelas ruas da cidade e possuindo um conteúdo de resistência nas entrelinhas. Apesar do caráter extremamente artesanal, ele conseguiu congrega essa juventude que apostava na volta do regime democrático e que utilizou a cultura como forma de resistência à ditadura. Eram os jovens que escreviam, editavam, imprimiam e distribuía o jornal, fazendo todo o processo de produção. Deparamo-nos com traços da chamada “geração mimeógrafo” ou da “poesia marginal”, que se estabelece nessa década como uma forma radical da literatura brasileira, que pode ser estendida nesse trabalho também para o jornalismo.

Desta maneira, a publicação utilizou-se do jornalismo e da arte para expressar temas que ainda não podiam ser expostos claramente, mesmo com a abertura política gradual que ocorria no fim dos anos 1970.

Os colaboradores do “Bar Brazil” podem ser divididos em dois segmentos. Primeiramente a dos mais liberais, que buscavam novidades e aspectos diversificados do mundo. Do outro, um grupo ligado a uma vertente que supervaloriza o nacional em detrimento de outras manifestações vindas de fora. Hoje, muitos dos colaboradores do “Bar Brazil” são escritores, professores e jornalistas renomados, como José Eustáquio Romão, Jaime Pinsky, Gilvan Procópio Ribeiro, Eduardo Arbex, entre outros.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas Juvenis. **Punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

BRANDÃO, Antônio Carlos, e DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. São Paulo. Moderna. 1990.

CHEKER, Flávio. **Entrevista** concedida a autora em 3 de dezembro de 2014. **Juventude**. São Paulo. Moderna. 1990.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; **A Contracultura: o outro lado da modernização autoritária**. In: **Anos 70: Trajetórias**. 1ed. São Paulo: Iluminuras, 2006, v., p. 39-44.

EXPEDIENTE. **Bar Brazil**, Juiz de Fora, nº 1, ano 1, junho e julho de 1976.

GOMES, Márcio. **Entrevista** concedida a autora em 16 de junho de 2014.

KURLANSKY, Mark. **1968: O ano que abalou o mundo**. Rio de Janeiro. José Olympio Editora. 2005.

LACERDA, Gislene. **As esquerdas entre os estudantes: memórias dos militantes estudantis juizforanos durante a transição democrática brasileira (1974-1984)**. Dissertação (Mestrado em História) — UFJF, Juiz de Fora, 2010.

MÜLLER, Angélica. **O papel dos jornais estudantis na resistência à ditadura militar durante. Os anos de chumbo**. 2010. Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/viewFile/5/3>> Acesso: 01 de julho de 2015.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

PELLICCIOTTA, M. M. B. **Uma aventura política: As movimentações estudantis dos anos 70**. Dissertação. – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

PROCÓPIO, Gilvan. A poesia em movimento. In: SANGLARD, Jorge (Org.). **Poesia em Movimento**: antologia. Juiz de Fora. EDUFJF, 2002.

PROCÓPIO, Gilvan. **Entrevista** concedida a autora no dia 18 de dezembro de 2014.

SANGLARD, Jorge. **Entrevista** concedida a autora em 12 de maio de 2014.